ISSN: 2358-8829

A PRÁTICA EDUCATIVA DAS REZADEIRAS NO INTERIOR DO AGRESTE PERNAMBUCANO: UM RITO DE FÉ E CULTURA MOBILIZADO PELA EDUCAÇÃO POPULAR NO TERRITÓRIO CAMPESINO DE CARUARU-PE

Marcia Batista da Silva[1]

INTRODUÇÃO

Este artigo foi produzido durante o desenvolvimento do componente curricular 'Educação Popular' no II semestre de 2025 na Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste. Durante os encontros dessa disciplina foi nos proposto a produção de um texto que trouxesse à tona a discussão da Educação Popular, seus aspectos históricos e contemporâneos, assim objetivamos enquanto proposta de pesquisa: Narrar a experiência dos aprenderes e ensinares das rezadeiras, mobilizados pela educação popular, no território campesino de Caruaru-PE.

Para isso, partimos da compreensão da Educação Popular de acordo com Brandão (1983) como possibilidade da prática regida pela diferença, tendo como intuito o fortalecimento do poder popular, através da construção de um saber de classe e experienciada como prática de vida social.

Trazemos esse tema para o debate e estudo na academia por reconhecermos como a construção deste artigo pode contribuir para eternizar essa atividade espiritual rica e cultural na vida dessas mulheres e da comunidade, a qual pertencem, bem como na possibilidade da academia divulgar através da produção cientifica tal prática que mobiliza saberes, culturas e 'resistências' de vida espiritual que toca o outro.

Por isso realizamos um levantamento usando o descritor "rezador-rezadeira" no contexto epistêmico ATTENA- Repositório Digital da UFPE, procurando entre o Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea-PPGeduC e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia-PPGA nos títulos, resumos, palavras-chaves, e quando

[1]Doutoranda em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/Centro Acadêmico do Agreste - CAA. Membra do grupo de pesquisa "GPENAPE". ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8316-4884. E-mail:marcia19.b@gmail.com

preciso nas páginas iniciais, das produções este termo definidor no nosso objetivo de pesquisa. Desde levantamento não encontramos produção no primeiro campo- PPGeduC que se aproximasse da nossa discussão, isso implica a necessidade de produção cientifica sobre nosso objeto de estudo na própria região onde habitam nossas protagonistas rezadeiras.

Entretanto nos achados do segundo contexto epistêmico- PPGA resultou-se na identificação de três produções que se relacionam com nossa discussão. A primeira sendo uma dissertação de autoria de Souza (2004) intitulada "Doença que rezador cura e doença que médico cura: modelo etiológico Xucuru a partir de seus especialistas de cura" que discorre em compreender como esse modelo vigente cura as pessoas sob a ótica de seus especialistas, entre uma população que convive com um cenário pluri-médico com a cura nativa, a biomedicina e a medicina popular não-indígena.

A segunda produção identificada pela autoria de Lima (2018), com título "Saberes e práticas tradicionais de cura: estudo sobre a transmissão das terapêuticas entre os Kapinawá" aborda as formas de transmissão destes conhecimentos tradicionais de cura a partir de observações etnográficas do sistema terapêutico do respectivo povo.

E a terceira produção sendo uma Tese de Doutorado do pesquisador Salles (2010) intitulada "Religião, espaço e transitividade: Jurema na mata norte de PE e Litoral Sul da PB" discutindo sobre a ocupação da jurema a partir da criação dos aldeamentos até a sua conclusão com a assimilação dos índios entre os homens livres pobres da região e compreender como esta Jurema se configura na contemporaneidade mediada pela transitividade e fluidez das práticas religiosas.

Estas produções nos fornecem fundamentos teóricos para pensar sobre os aprenderes e ensinares das rezas e curas das rezadeiras no interior do agreste pernambucano, trazendo a dimensão de sua historicidade, a educação popular, os traços do catolicismo popular, a dimensão da espiritualidade e demais questões, assim passaremos a utilizá-las a seguir nas próximas categorias teóricas:

REFERENCIAL TEÓRICO

2. A prática das rezadeiras e suas possíveis origens

As rezadeiras são mulheres espiritualizadas que possuem um papel marcante na religiosidade popular do Brasil, possuem o dom de cura e proteção através do uso de gestos, plantas e palavras encantadas (Lima, 2018). Geralmente habitam nas comunidades

ISSN: 2358-8829

campesinas e periféricas, essas mulheres tem uma experiencia de vida nata e diante do senso comum são sempre interpretadas enquanto idosas, vão oferecendo determinada mediação entre o mundo espiritual e o terreno, por meio de orações, benzeduras e curas baseadas na fé e em saberes culturais ancestrais.

Essas mulheres têm múltiplos saberes populares adquiridos oralmente através de gerações o que Walter Benjamin (1987) apresenta como a potência da oralidade em 'passar experiência'. Seus rituais envolvem orações cristãs, especialmente católicas, combinadas com gestos simbólicos como o uso da cruz, o sinal da cruz feito com galhos de arruda, água benta, sal grosso e outros elementos considerados protetores ou purificadores que são direcionados para o fim do sofrimento físico, espiritual ou alívio e acolhimento quando a medicina clássica muitas vezes não chega ou não é suficiente para o bem estar do ser/paciente.

As rezadeiras desempenham o cuidado comunitário fortemente enraizado na fé. Suas práticas carregam um caráter não institucionalizado e a gratuidade do serviço prestado reforçam sua legitimidade social. Embora sejam frequentemente associadas ao catolicismo popular, suas práticas também incorporam elementos de outras matrizes religiosas, como a umbanda (Salles, 2010), acrescidas por elementos do espiritismo kardecista, do candomblé e outros que vem demonstrando a complexa teia de sincretismos que compõe a religiosidade brasileira.

A origem da prática das rezadeiras pode ser compreendida a partir do entrelaçamento de diversas tradições culturais e tradicionais passadas de geração a geração (Lima, 2018), seja pela forte influência do catolicismo trazido pelos colonizadores portugueses, da oração como forma de intercessão e cura advindas das raízes medievais da Europa e principalmente das mulheres que exerciam papéis de curandeiras, místicas e parteiras nas comunidades mais carentes.

É relevante destacar, de acordo com Souza (2004), que quando as rezadeiras realizam seus ofícios de reza e o paciente/ser está muito carregado do mal sentido, dependendo desta gravidade, as mesmas precisam se auto rezarem, pois acabam por sentir males daquela doença enfrentada.

Por meio da colonização do Brasil as práticas de reza foram reinterpretadas conforme os sincretismos religiosos presentes no contexto colonial (Salles, 2010). A presença de povos africanos escravizados contribuiu para o enriquecimento das práticas religiosas, enquanto os povos indígenas também influenciaram as práticas de cura e

contato com o sagrado por meio do uso de ervas e rituais comunitários. Por isso, tais práticas trazem um legado híbrido, decorrente do encontro e da resistência cultural entre diferentes crenças. Tais mulheres mantêm vivas formas de espiritualidade que escapam aos moldes institucionais das igrejas e preservam saberes ancestrais fundamentais para a construção da identidade cultural da nação brasileira.

Portanto tais práticas de reza ministrados por estas mulheres carregam de modo singular a religiosidade popular no Brasil, marcada pelo sincretismo, oralidade e cuidado comunitário. Suas práticas são fundamentais para compreender a espiritualidade vivida no cotidiano das populações periféricas e campesinas, ocupando um lugar de resistência, de cura e de memória viva dos saberes tradicionais (Lima, 2018). Logo o reconhecimento destas práticas de rezas também são gestos de valorização da diversidade cultural e religiosa, e da educação popular em nosso país.

Pois como nos afirma Saviane (1982), ao pensar a educação popular a partir de sua perspectiva histórico-crítica, não se resume apenas em valorizar os saberes populares ou de senso comum, mas se apropriar dos conhecimentos sistematizados, da tal ‘cultura erudita’ pela classe trabalhadora objetivando a transformação social.

2.1. O Catolicismo Popular Brasileiro

O catolicismo popular é uma manifestação religiosa que, embora tenha raízes na doutrina oficial da Igreja Católica, se apresenta por meio de práticas enraizadas nas culturas locais das comunidades. Performasse na dinâmica da religiosidade que se compõe pela incorporação de elementos simbólicos, sincréticos e afetivos que se distanciam, escapam das ações institucionais da Igreja (Sousa, 2021).

Como nos afirma Salles (2010) o advento do catolicismo popular tem raízes do processo de “conversão dos ‘gentios’ à fé católica” (p. 59) das Américas, África e Ásia, especialmente a partir do século XVI. A partir dos diferentes povos advindos desses continentes foi se reconfigurado os ensinamentos cristãos com base em seus credos, resultando em uma religiosidade plural que começou a relacionar o cristianismo padrão com os símbolos e ritos das religiões diversas.

No território brasileiro o catolicismo popular se ampliou através do encontro entre a doutrina católica europeia, as religiões africanas e as espiritualidades indígenas. Essa relação criou outros modos de viver a fé que valorizam festas religiosas, promessas,

ISSN: 2358-8829

romarias, devoções a santos e práticas de cura que como descrito por Sousa (2021, p. 732) "situar-se à margem dos limites da religião", ou seja, escapam ao rito severo da igreja. A seguir apresentamos algumas características por nos interpretadas através dos estudos sobre este movimento-catolicismo popular:

> 1. Forte devoção aos santos –aqueles com pouco destaque no calendário oficial litúrgico, como: São Longuinho, Santa Rita de Cássia, Padre Cícero e Frei Damião, sendo venerados de modo social e afetivo em localidade especificas; 2.Centralidade da festa religiosa –festividades dos padroeiros, procissões, novenas, terços montam momentos de mobilização social, intercalando a dimensão religiosa com a cultura, a música, a culinária e a identidade comunitária; 3. Sincretismo religioso –o estabelecimento da relação entre santos católicos e divindades de religiões de matriz africana, como Nossa Senhora Aparecida e Oxum no candomblé; 4. Práticas de cura–rezadeiras desempenham a mediação entre o mundo sagrado e as necessidades cotidianas, exemplificando a importância da fé na saúde e na vida (grifo nosso, 2025).

Assim o catolicismo popular é uma forma complexa e multifacetada de expressão religiosa, que revela a capacidade de adaptação, inventividade e resistência das comunidades frente aos processos históricos, de certo modo como resultado da manutenção da aliança com povos diversos, inclusive os indígenas (Salles, 2010). Não sendo uma distorção da fé oficial, mas de viver a espiritualidade que concebe a vida e o sagrado como elos manifestados pelo povo. Considerá-lo nos exige ir além dos critérios doutrinários, contudo saber o valor e respeito cultural dessas mobilizações religiosas mediadas pela cultura popular.

2.2. A prática das rezadeiras no Agreste de Pernambuco

No contexto do agreste pernambucano há práticas de rezadeiras, quais são símbolo significativo da religiosidade popular e dos saberes tradicionais (Lima, 2018), entretanto ainda pouco valorizadas diante das discussões e estudos atuais. Existe de certo modo um desmerecimento por parte das religiões cristãs, desvalorização por ser desenvolvidas geralmente por mulheres e com o tempo estão sendo deixadas de lado pelas novas gerações.

Nesta produção acadêmica, defendemos um movimento contrário de respeito por tais práticas e suas protagonistas em suas comunidades, pois atuam como mediadoras entre o sagrado e o cotidiano com orações, benzeduras e rituais que combinam elementos do catolicismo popular com crenças de matrizes indígenas, africanas e outras que foram experienciadas durante permanência da Coroa Portuguesa, a influência dos dogmas da

Igreja e a opressão dos Senhores de Engenho manifestados na invasão/ colonização (Salles, 2010).

As pessoas que requerem as rezadeiras no contexto do interior pernambucano possuem o anseio de se tratarem de males diversos, conforme Souza (2004) sendo estes "vento-mau, espinhela-caída, congestão, mau-olhado, mal de ramo, doenças causadas no trabalho de catimbozeiro, doenças iniciáticas e mal-estares" e outros. Tais enfermidades se classificam em 'males do corpo e da alma'.

Normalmente a reza é realizada e ensinada oralmente, de geração em geração, estando enraizado na vivência comunitária e na fé. Apesar do avanço da medicina moderna, várias pessoas continuam a recorrer a essas práticas, não só por questões de saúde, mas também pela via do acolhimento espiritual, afeto e bem-estar humano como um todo. A exemplo, "a reza de mau-olhado que é interpretada também como a inveja contra o indivíduo seja sobre sua felicidade, bens, financeiro e beleza" (Souza, p. 91). Esse mal cometido por outro ser humano atinge diretamente na autonomia, animo e apetite causando sérias complicações quando não é tratado com rapidez.

Em áreas habitadas que possuem desigualdade social e dificuldade de acesso a serviços públicos de saúde, as mulheres rezadeiras desempenham um papel crucial de cura que se estende a ação social e afetividade. Suas práticas fortalecem o fundante papel dos conhecimentos populares no campo da saúde física e espiritual elencando a necessidade de reconhecimento, pois como afirma Wallter Benjamin (1987) estamos vivendo uma 'nova barbárie da não experiência' entendida como a incapacidade de se apropriar, se relacionar com os eventos que acontecem em nossa realidade de modo a traduzi-los, a viver estes e mobilizá-los. Bem como, tais mulheres rezadeiras carecem de amparo público pelos órgãos governamentais e valorização dessas práticas para o debate sobre saberes plurais em nosso contexto do agreste pernambucano, e no Brasil.

METODOLOGIA

Selecionamos a abordagem qualitativa para esta discussão, por reconhecermos a partir de Lüdke e André (2018), que a mesma considera o ambiente natural como sua fonte direta de produção dos dados, havendo uma relação interativa e prolongada do pesquisador com o ambiente pesquisado e a situação que está sendo estudada, através de um trabalho intensivo, dialógico e cuidadoso em campo. Pois nessa abordagem se considera os detalhes do contexto estudado, trata de aspectos singulares, como os gestos,

os sentimentos e atribui significados à realidade. Concebe elementos que não podem ser meramente quantificados, e por vezes são desconsiderados pelos procedimentos metodológicos da produção de dados, na abordagem quantitativa.

O enfoque deste estudo foi realizado a partir da etnografia critica fundamentada com Mainardes e Marcondes (2011), ao afirmarem que nesta ação de pesquisa "o etnógrafo participa, em níveis diferenciados, na vida cotidiana das pessoas por um período longo de tempo, com a finalidade de entender o mundo em que vivem" (p. 426). Com respeito ao campo e aos participantes pesquisados toma para si o desejo de experiência de determinada cultura e a ela poder contribuir.

Selecionamos a etnografia crítica por reconhecermos com Mainardes e Marcondes (2011) que ela se refere aos estudos engajados na crítica cultural, ao contemplar as questões políticas, sociais e econômicas dos contextos experienciados, mobilizando aspectos relacionados às formas de opressão, conflito, disputas e poder. A tarefa dos etnógrafos críticos vai além da mera descrição escrita, da observação neutra sobre determinado povo, pois investigam lugares sociais, processos e produtos culturais com o objetivo de esclarecer desigualdades e instigar o desenvolvimento de meios a inibi-las, contribui também para a resolução de problemas presentes na realidade social.

3.1. Sítio Cachoeira Seca

O estudo foi desenvolvido no Sítio Cachoeira Seca, conhecido historicamente por esta nomenclatura devido existir uma cachoeira que jorrava água em tempos passados, mas em certo momento chegou a secar devido a poluição dos rios e barragens construídas pelos fazendeiros. Então se nomeou o povoado com este termo e permaneceu até hoje, mesmo depois que a comunidade passou a receber água encanada.

Este território campesino fica acerca de 21 quilômetros de Caruaru-PE, localizado no II distrito desta cidade no interior pernambucano (Google Mapas, 2025). Esse povoado é mantido economicamente pela confecção têxtil com predominância do jeans nas pequenas fabricações em casa, somado aos empregos públicos e por aqueles vigorosos e persistentes agricultores que trabalham no campo a partir da agricultura familiar.

Esta comunidade possui aproximadamente 5.000 mil habitantes que vivem de modo modesto e carregam ainda suas raízes culturais diante da contemporaneidade atual (IBGE, Caruaru-PE, 2025). Ressaltamos que há no mesmo as vivências das práticas

juninas com comidas típicas, fogos e fogueiras, forró e prosas entre a comunidade durante o mês de junho no São João. Também são vivenciadas as festividades do catolicismo através dos ritos religiosos como os terços do mês de Maio, o mês Mariano, e outras práticas desenvolvidas pelos habitantes em relação com a igreja desta comunidade.

3.2. As protagonistas das rezas

Convidamos três rezadeiras para participar do nosso estudo, os critérios utilizados foram basicamente a feliz e graciosa existência destas mulheres, pois dentre toda a população apenas existem as únicas três que ainda praticam tais ações de rezas. Estas aceitaram de modo honrado a participarem, assim segue suas características:

A primeira nomeada por R1 possui 64 anos de idade e estudou apenas até a 2ª série do ensino fundamental, sempre morou e trabalhou no campo.

A segunda nomeada por R2 possui 80 anos de idade, sendo analfabeta, não pode estudar porque os papais lhe colocaram para trabalhar desde a infância, morou sempre no campo com exceção de uma pequena estadia na cidade com período de 7 anos quando teve seu primeiro matrimonio, mas depois retornou a vida campesina.

A terceira nomeada por R3 possui 53 anos de idade, a mesma é analfabeta funcional, pois só sabe decodificar a escrita do nome e sempre habitou no campo e tralhando na lavoura, mas atualmente aprendeu a costurar.

3.3. Como experienciamos o contato com as protagonistas

Tomando a etnografia crítica, utilizamos como procedimento de aproximação com o campo de pesquisa, a observação participante com diário de campo para registro e a conversa com nossas participantes, referenciando essas práticas com Salles (2010) afirmando que participar de maneira a experiênciar as apresentações, ou sessões, ou manifestações sagradas e manter um diálogo com os protagonistas. Concebemos assim, que não é uma entrevista que hierarquiza verticalmente do pesquisador para o pesquisado, mas sim uma conversa entre ambos de igual para igual de modo horizontalizado considerando as subjetividades dos seres ali envolvidos, os aspectos históricos, culturais, espirituais, sociais e seus saberes ancestrais (grifo nosso). Ainda destacamos o respeito ao povo e ao campo pesquisado, suas origens e conhecimentos que há entre as gerações.

E para interpretar as informações experienciadas, ditas pelas nossas protagonistas usamos a análise de prosa por entendermos com André (1983) que está considera o significado dos dados qualitativos ao incluir mensagens diversas, observações, conversas, documentos fotos, quadros, filmes, expressões corporais e outros a partir da triangulação-essa combinação de múltiplas fontes de dados (1983).

RESULTADOS E DISCUSSÃO: CONVERSA COM AS REZADEIRAS

Ao perguntarmos o que as protagonistas rezavam, as mesmas esclarecem:

> Mal olhado (Extrato da conversa com R1, Novembro, 2025).
> Mal olhado e carne triada (Extrato da conversa com R2, Novembro, 2025).
> Carne triada, pé dirmitido, dedo, quando tem algo machucado, quando salta do lugar (Extrato da conversa com R3, Novembro, 2025).

Com estas falas podemos perceber que existe duas rezas típicas entres as três rezadeiras, sendo uma sobre o ‘mal olhado’ que a interpretamos na sua face simples como uma ruim disposição do ser humano para atividades cotidianas que atinge também a auto estima do ser, bem como nem nível mais sério essa condição pode afetar a alimentação, concentração e dores corporais acentuadas para o indivíduo. É interessante destacar que está reza é ministrada utilizando três folhas de uma árvore chamada pião roxo, vejamos:



Figura 1-Folhas de pião roxo usadas nas rezas de mal olhado (arquivo produzido pela Autora em 16/11/2025).

E a outra reza ‘carne triada’ que diz respeito a cura das inflamações dos músculos ou partes do corpo, seja em qualquer área, devido algum trauma do membro. Na

realização dessa segunda reza é usado por uma de nossas protagonistas um pequeno pedaço de pano branco e uma agulha com linha preta, assim durante a sessão a rezadeira vai oralizando em voz baixa algumas palavras e passando a agulha pelo tecido de modo como se estivesse costurando, e para a mesma está “fechando a ferida/ trauma/ dor” (Extrato do diário de campo, R3, Novembro, 2025).



Figura 2- Instrumentos utilizados na reza de carne triada: agulha, linha e tecido (arquivo produzido pela Autora em 16/11/2025).

Proseando com elas, indagamos há quanto tempo desenvolviam essas práticas de reza, e vimos que:

> Há mais ou menos 30 anos que rezo (Extrato da conversa com R1, Novembro, 2025).
> 60 anos de reza (Extrato da conversa com R2, Novembro, 2025).
> Desde 10 anos de idade, ou seja, como eu tenho 53, rezo há 43 anos (Extrato da conversa com R3, Novembro, 2025).

Percebemos com estas falas que a prática de reza não é algo atípico na vida dessas campesinas, são aprenderes que se constituem deste a infância, passam pela vida adulta e continua enquanto idosas. A prática da reza se desenvolve como cultura destas mulheres, as aproximam da comunidade através de uma relação mediada pela cultura popular através do respeito, solidariedade, admiração e lhes são atribuídos sentimentos de destaque e sagrados em relação as demais pessoas da vila.

ISSN: 2358-8829

As mulheres que realizam tal prática partem segundo Moacir Gadotti (et al., 2003) de uma educação popular que se fundamenta na criticidade, na medida que aprendem elas também se emancipam ao adquirir especificidades que ajudam sua comunidade de modo saudável, trazendo um cuidado para si e para o outro.

Curiosa diante dessa prática, questionei como funcionava essa reza para a pessoa (paciente), então as rezadeiras relataram:

> No andar, no viver, na vida em casa, no trabalho, no amor. Ah é a fé, você teve uma fé consegue. Aí rezo com minha fé e o outro tem que ter fé também, se tiver um som ligado no momento não pode, tem que desligar entendesse. Dá atenção, o que é que você vai rezar. Aí eu pego o mato de pião roxo, colho três, só pode três, aí uso e no final quando acabo se eu ficar bocejando muito, calafrios, dor nos ombros e o mato muito murcho aquela pessoa estava muito carregada de mal olhado. Tenho que me benzer também. Teve um menino, a mãe chegou doida aqui com ele morrendo, tu acredita? A mãe dizia ele vai morrer, não sei se ele vai melhorar, aí eu disse vai não mulher tenha fé, deixa eu rezar, oxe rezei o menino ficou melhor (Extrato da conversa com R1, Novembro, 2025).
>
> Ela se sente bem. Mas para isso, eu que me sinto com umas coisas. Eu fico com os olhos derramando lágrimas, porque estou tirando o mal que botaram naquele cristão, minhas mãos que rezei ficam tremendo, aí me benzo e de pressa vou beber minha água, aí vai passando (Extrato da conversa com R2, Novembro, 2025).
>
> Com fé, com fé que naquela reza a pessoa vai melhorar. E todo mundo que eu rezo diz que melhora, no caso quando o dedo daquela pessoa quando está ruim, que chega doendo. Quando eu rezo as pessoas falam que já sentem um alívio (Extrato da conversa com R3, Novembro, 2025).

É notório nas falas das participantes o elemento ‘fé’ em comum, como se a prática de reza só funciona na medida que o rezador e a pessoa que é rezada acredita que vai ser curada, um rito de esperança sagrada experienciada por ambos os envolvidos no ato, e que quando concluída é sentida pelos pacientes rapidamente. Outro aspecto relevante é a entrega ao momento da reza, o silêncio e como bem pontuado pelas protagonistas ‘a concentração intensa’. Entretanto, destaca-se que as enfermidades espirituais ao final da reza são transpassadas e sentidas pelas rezadeiras, como se houvesse uma transferência do mal entre os corpos. Pois, ao final da reza seus corpos apresentam alguns sintomas que variam a depender do grau do mal-estar sentido pelo indivíduo que foi rezado e para sanar este processo as próprias rezadeiras se auto rezam, se benzem para a eliminação total desta ‘coisa’.

ISSN: 2358-8829



Figura 3- Sessão de reza de “mal olhado” sobre pessoa da comunidade (arquivo produzido pela Autora em 16/11/2025).

É possível identificar nestas práticas de rezas uma performance mediada pela cultura, há outros aspectos influentes no processo de cura para além da oralização, ou seja advém das vertentes da educação popular através de um processo coletivo entre pares, sendo político e pedagógico ao considerar o ato de repassar para outro alguém como meio de cura ou ensino, e acaba por fortalecer a transformação social e a emancipação dos setores populares (Carrillo, 2013).

Movida pela escuta ativa desse saber exposto em nossa pequena prosa, perguntei se poderiam falar sobre algum exemplo de reza, ou caso tenha, de cânticos:

> Olha a reza é assim, eu rezo três ave Marias, três Santa Maria e três Pai Nosso, depois ofereço para o anjo da guarda do santo nome e as outras palavras eu não posso dizer nada. Eu entrego tudinho a Deus, o anjo da guarda do santo nome e a outra palavra eu não posso dizer. Só pode dizer se eu for ensinar a alguém. (Extrato da conversa com R1, Novembro, 2025).
>
> Tudo não pode, mas falo isso “com dois de butaram, com três eu te tiro, com os poderes de Deus e da virgem Maria. Nossa Senhora-Maria e Jesus passa na frente, levem tudo para o mar sagrado e pelo sinal da santa cruz, o livre Deus nosso senhor. Em nome do pai, do filho, do espirito Santo, amém”. Aí rezo a ave maria, o pai nosso e a santa maria (Extrato da conversa com R2, Novembro, 2025).
>
> Eu não posso falar, a minha mãe falava que só podia falar as palavras da reza se fosse para ensinar alguém, ou durante o momento da reza, rezando o membro da pessoa (Extrato da conversa com R3, Novembro, 2025).

É nítido nestas falas a presença dos elementos do catolicismo popular, como a figura de Deus, Nossa Senhora, Ave Maria, Santa Maria, Sinal da Santa Cruz e o Anjo da

ISSN: 2358-8829

Guarda, e como a essência da reza é concebida com força espiritual contra o maleficio sentido. Contudo, a verdadeira essência da reza não pode ser exposta como meio de divulgação e escrita para outros fins sem necessidade de cura, essas verbalizações só podem ser comunicadas no momento dos "aprenderes e ensinares" para outro ser que está se dispondo, se entregando ao aprendizado sagrado com as rezadeiras.

Proseando com as estas, deixei a vontade para expressarem se havia alguma entidade (ou mais de uma) com a qual trabalhavam para realizar as sessões de reza, as mesmas destacaram:

> Eu lembro de Nossa Senhora Aparecida e o Coração de Jesus, aí nós fica ali naquelas lembranças e pedindo a Deus que o anjo da guarda que tire o mal, aí atira ali tudo, fica certo para a pessoa melhorar (Extrato da conversa com R1, Novembro, 2025).
>
> É um pensamento, primeiramente Deus no céu e Maria e Jesus presente em tudo que sai da minha boca. Livra essa pessoa do inimigo ruim, aí eu chamo por São José e Maria (Extrato da conversa com R2, Novembro, 2025).
>
> Quando eu estou rezando, eu me lembro primeiramente de Jesus, e assim depois São Sebastião, sou devota, vou passando a agulha no pano e pedindo a ele (Extrato da conversa com R3, Novembro, 2025).

Observando nestas prosas novamente os elementos do catolicismo, com destaque para a figura de Deus enquanto divindade maior entre os demais santos católicos requeridos para a cura do ser. Um deles mencionado é São Sebastião que é representado nas pinturas e pela historicidade romana com o corpo atravessado por flechas, simbolizando a dor e o sofrimento do seu martírio, sendo o santo da guerreiro com fé inabalável e curador das enfermidades físicas e espirituais (Paulo, 2025).



Figura 4-Rezadeira em sua casa com elementos característicos do catolicismo popular (arquivo produzido pela Autora em 16/11/2025).

Prosseguindo a conversa, fiquei curiosa em saber como haviam aprendido a rezar, se teve alguém em especial que as ensinaram tal prática, as mesmas afirmam:

> Especial foi minha mãe que me ensinou, quando ela tava rezando e eu ficava olhando aí depois eu disse o mãe será que é assim que se reza. Aí eu rezei para ela ver, aí ela disse tá certo. Depois fica para você, porque um dia quando Deus me levar aí você já sabe como rezar. Não foi apenas como algo que eu quisesse, eu tenho um dom que eu sei, veja se for acontecer alguma coisa com algum filho meu, eu sinto. Toca no meu coração. Minha mãe me ensinou muitas coisas que não posso dizer e outras que fui vendo aí aprendi (Extrato da conversa com R1, Novembro, 2025).

> Não, foi de Deus. A sabedoria de rezar foi dele, quando eu comecei a rezar eu já tinha as palavras na cabeça, tudinho, tudinho (Extrato da conversa com R2, Novembro, 2025).

> Eu ficava assim escutando minha mãe rezar, quando chegava alguém, eu achava bonito, aí ouvia aquelas palavras, então eu aprendi. Aí um dia ela veio me ensinar, me ensinar as palavras só que eu já sabia, então ela disse reze para eu ver, então rezei, ela disse está certo, mas rezou de novo na minha frente, aí aprendi de vez (Extrato da conversa com R3, Novembro, 2025).

Identificamos nos três extratos uma relação de aprenderes e ensinares diretamente ligada ao vínculo familiar sanguíneo tanto R1 quanto R3 aprenderam com a mãe a partir da observação da prática realizada, atentas escutando de modo indireto suas mães rezarem seus respectivos pacientes. Dessa maneira, quando as próprias matriarcas resolviam lhes direcionar a devoção da reza as mesmas já estavam imbuídas de alguns saberes. Entretanto destacamos a fala de R2 que faz referencia ao “dom” recebido, esta rezadeira afirma não ter passado por processo de aprenderes e ensinares durante a infância, ela adquiriu de modo espiritual/ do ser divino-Deus os conhecimentos de reza, algo que foge da explicação racional, mas se mobiliza pela crença nos aspectos sagrados da fé do ser.

Embora R1 também faça referencia ao “dom” recebido, contudo para esta protagonista houve um direcionamento de ensino, é como se ela já estivesse predestinada a aprender, na fala desta percebemos um sentimento de orgulho sobre aquilo que a receberia, ou seja, aqui concebemos enquanto este “dom”. Também é identificado nesta prática a intenção da mãe da rezadeira de se eternizar historicamente pela contribuição do ensino da reza para a filha, como se sua presença fosse revisitada toda vez que essa prática é realizada, deixando seu legado de fé e cura.

A partir das prosas analisadas destacamos o valor social da reza mediado pela cultura popular aprendida pelos familiares e passada entre gerações. Para Schönardie (2018) a educação popular está intrinsecamente ligada à experiência de vida dos sujeitos

e se constrói organicamente na conjuntura social e política dos mesmos, se constituindo de valores, práticas, desejos, lutas e saberes diversos.



Figura 5- Sessão de reza de carne triada em dedo em pessoa da comunidade (arquivo produzido pela Autora em 16/11/2025).

Ao final desta nossa prosa, perguntei se já ensinaram ou tinham interesse em ensinar essa prática de reza para alguém, e assim identificamos:

> Aos meus netos, deles aprender e ficar minha lembrança né. Hoje eu vou ensinar, mas eles ficam mangando. Eu digo que quero ensinar a vocês o que é bom, porque os meninos hoje em dia só querem ficar sem aprender nada. Tem hora que estou almoçando aí quando termina vou ensinar a agradecer a Deus, eles ficam brincando. Minha neta estava aprendendo, mas com esse danado do celular ela deixou de aprender, não quer mais se concentrar. Porque se não, eu vou morrer e ninguém vai ficar rezando. Não consegui ensinar totalmente a ninguém ainda, mas tentei (Extrato da conversa com R1, Novembro, 2025).

> Eu já ensinei a mãe, mas ela não tinha cabeça não. Eu tenho vontade de ensinar aos meus netos, mas são tudo casado não querem saber disso não. Uma vez fui falar em ensinar, eles disseram isso serve não, se eu não trabalhar o comer não vem para a mesa não, tá vendo o que ele me respondeu. Eles não acreditam em reza e em Deus não. Com isso, ele pecou ao falar isso, no outro dia ele levou um acidente quase morre, aí eu disse tá vendo não pode zombar das coisas de reza (Extrato da conversa com R2, Novembro, 2025).

> Assim, as vezes eu chamo meu menino para aprender, e eu quero ensinar, mas até agora eles não se concentraram para aprender (Extrato da conversa com R2, Novembro, 2025).

Conforme identificado acima três aspectos centrais perpassam entre as falas. O primeiro diz respeito a tentativa de ensino a parentes de primeiro e segundo grau, essa dinâmica ainda se concentra exclusivamente para a genealogia biológica. O segundo remete a nossa interpretação o advento das tecnologias da comunicação enquanto

barreiras para a concentração e entrega pessoal por parte dos jovens da contemporaneidade diante das práticas espirituais de reza, eles estão desmerecendo tais ações e de certo modo impulsionados pelo capitalismo desenfreado que visa apenas o trabalho, lucro e renda para gastos pessoais sejam alimento ou qualquer outro consumo, o que descaracteriza a condição de bem-estar que a prática cultural também proporciona.

Como último aspecto há esperança de eternizar essa prática e não deixar ser esquecida por estas mulheres, que mesmo diante das circunstancias cotidianas ainda insistem em desenvolver os "aprenderem e ensinares das rezas" e perpetuar esse rito de fé e ação solidária, haja vista que nenhuma das rezas são pagas (Extrato do diário de campo, R1, Novembro, 2025), para as novas gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos nosso objetivo de pesquisa em 'narrar a experiência dos aprenderes e ensinares das rezadeiras, mobilizados pela educação popular, no território campesino de Caruaru-PE', movidas pelo desejo em debater e estudar na academia essa temática, por reconhecermos como a construção deste artigo pode contribuir para eternizar essa atividade espiritual rica e cultural na vida dessas mulheres e da comunidade, a qual pertencem, bem como na possibilidade da academia divulgar através da produção cientifica tal prática que mobiliza saberes, culturas e 'resistências' de vida espiritual que toca o outro.

Assim com a aceitação das nossas protagonistas, as rezadeiras, e com meios para aproximação de suas vivências, sendo estes a observação participante com registro em diário de campo, as imagens em fotografias e a conversa fundamentada em Salles (2010), identificamos alguns aspectos que perpassam os aprenderes e ensinares das rezadeiras, conforme segue:

O primeiro se refere as duas rezas realizadas por nossas protagonistas, sendo o 'mau-olhado' que é feito através de plantas, como por exemplo, três folhas de pião roxo e a 'carne triada' que é ministrada através do uso de um tecido, agulha e linha a partir de uma simbologia de fechamento da ferida, dor.

O segundo se caracteriza pela prática da reza como experiência de vida cultural dessas mulheres, se constituindo desde a infância até a vida idosa e traz uma aproximação com a comunidade por meio da solidariedade, aconselhamento, admiração e espiritualidade desenvolvida mediante ações de cura.

ISSN: 2358-8829

O terceiro compete a essência da fé nas sessões de reza, pois é dita como elemento crucial para a efetivação deste processo sagrado, tanto por quem reza quanto por quem é rezado. Outro elemento indispensável durante as rezas é a concentração entre os envolvidos, a auto entrega do corpo e alma do ser e a conexão com a espiritualidade. Destacamos também que após as rezas, as mulheres rezadeiras acabam sentindo um repasse da dor curada e precisam se auto benzerem para se livrar daquele mal.

O quarto aspecto identificado com a experiência com estas mulheres está presente na intimidade sagrada das rezas, um mistério que é conservado pelas rezadeiras, haja vista que nem todas as palavras podem ser demonstradas sem um fim de cura, sem uma sessão ou se não for para os ensinamentos sagrados a outro ser. Por conseguinte, aquelas palavras que podem ser comunicadas trazem a influência do catolicismo popular, pois nesta oralidade há referência as entidades como Deus, Jesus, Nossa Senhora, Santa Maria, Santa Cruz, Anjo da Guarda, São Sebastião e outros.

Como quinto aspecto é perceptível que os aprenderes foram recebidos no vínculo familiar, essencialmente com a mãe por meio da observação de sessões de reza que a mesma realizava, mas tais mulheres também sinalizam para o "dom" que as tocam como um chamamento para exercer tal prática, a predestinação. No mais que suas mães também repassavam tais ensinares de reza por meio da oralidade como anseio de se eternizarem a partir da perpetuação desta prática sagrada.

E como sexto aspecto, existe o desejo das rezadeiras em ensinar as práticas de reza aos parentes, porém a modernidade tecnológica dificulta este processo somado ao capitalismo consumista que desconsidera as práticas de bem-estar social, saúde espiritual e os saberes tradicionais mediados pela educação popular e acaba por tardar a vontade dessas mulheres de perpetuar essas manifestações sagradas para as próximas gerações e deixar seus legados de devoção e fé.

Palavras-chave: Prática Educativa, Rezadeiras, Educação Popular, Território Campesino.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza D. A de. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, São Paulo, p. 66-71, maio, 1983.

BENJAMIN, Walter. **O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1987. 1v.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular**. 1983.

CARRILLO, A. T. A Educação Popular como prática política e pedagógica emancipadora. In: STRECK, D. R.; ESTEBAN, M. T. (org.). **Educação popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis: Vozes, p. 15-32, 2013.

GADOTTI, Moacir; TORRES, Carlos A. **Educação popular: utopia latino-americana**. Tradução de: Jaime Bizeh. 2. ed. –Brasília: Ibama, 2003.

GOOGLE. 2025. **Mapa de Caruaru**. Acessado em 19 de julho de 2025. Disponível em: https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-caruaru.html.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Caruaru. Disponível em:<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/caruaru/panorama>. Acesso em: 19 jul. 2025.

LIMA, Paulidayane Cavalcanti de. **Saberes e práticas tradicionais de cura: estudo sobre a transmissão das terapêuticas entre os Kapinawá**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

MAINARDES, Jefferson. MARCONDES, Maria Inês. **Reflexões sobre a Etnografia Crítica e suas Implicações para a Pesquisa em Educação**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 425-446, maio/ago. 2011.Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade

PAULO, Melody de. Google- **São Sebastião: o soldado martirizado**. Canção Nova, Jan., 2025. Disponível em: https://santo.cancaonova.com/santo/sao-sebastiao/. Acesso em: 24 de julho de 2025.

SALLES, Sandro Guimarães de. **Religião, espaço e transitividade: Jurema na mata norte de PE e Litoral Sul da PB**. Tese (Doutorado)- Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Antropologia. Recife, 270 f, 2010.

SAVIANI, Dermeval**.** As teorias da educação e o problema da marginalidade na América Latina. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 42, p. 8-18, ago. 1982.

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo. **Epistemologia da Educação Popular**: Uma Base Histórica e Teórico-Metodológica. *Revista Científica da Faculdade de Balsas*, v. 9, p. 7-14, 2018.

SOUSA, Emerson José Ferreira de. **O catolicismo popular brasileiro: notas em torno da sua invenção historiográfica**. Temporalidades – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 36, v. 13, n. 2 (Jul./Dez. 2021).

SOUZA, Liliane Cunha de. **Doenças que rezador cura e doenças que médico cura: modelo etiológico Xucuru a partir de seus especialistas de cura**. Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. – Recife: a autora, 2004.